

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Madura

Data: 10/01/93 Pg.: 27 100

Madeireiro extingue sumaúma em várzea de rios amazônicos

■ Semente de árvore sagrada é levada para sudeste da Ásia

ORLANDO FARIAS

MANAUS — A sumaúma, maior árvore de várzea dos rios de água branca na Amazônia, está praticamente extinta sob o impacto da motosserra das madeireiras. Considerada sagrada pelos caboclos e uma dádiva dos deuses por seus miraculosos poderes medicinais, a sumaúma é cobiçada como um tesouro pela indústria madeireira. Ela floresce apenas em várzeas banhadas por rios de água branca, os mais férteis da Amazônia por transportarem muita matéria orgânica em suspensão.

De grande porte — chega a medir 45 metros de altura —, a sumaúma tem madeira do tipo branca, muito leve e apropriada para compensados. Além disso, seu aproveitamento comercial é de quase 90%, ao contrário de outras espécies que apresentam perdas de até 60%. A árvore tem uma proteção para sustentar sua altura, as belas sapopemas em sua base. São grandes que para uma sumaúma

ma ser abraçada é preciso juntar de 12 a 18 homens.

Restou uma única área onde a espécie está preservada na imensa faixa de terra inundável por rios: a reserva biológica de Abufari, no Rio Purus, de quatro mil hectares.

Contrabando — Cientes de que a galinha de ovos de ouro está em final de carreira, madeireiros da Inglaterra estão contrabandeando sementes da sumaúma para iniciar seu cultivo no sudeste da Ásia, onde o clima é semelhante ao amazônico, informa o Ibama em Manaus.

Fiscais do órgão já identificaram os caboclos que coletam as sementes ao longo do Rio Purus, onde existem algumas árvores dispersas, ainda não localizadas por madeireiros. De uma única vez, foram contrabandeadas 30 mil sementes, segundo o superintendente do Ibama em Manaus, Agenor Vicente.

No final do século passado, o aventureiro inglês Henry Alexander Wickham *despachou* uma partida de 70 mil sementes de serin-

gueira *Hevea brasiliensis*, árvore produtora de borracha. O contrabando a que a lenda empresta lances de espionagem rendeu uma condecoração de herói na Inglaterra para Henry Wickham. O resultado dessa ação foi a ruína dos seringais da Amazônia, que fizeram durante algum tempo a riqueza Belém e Manaus.

Ciclo — Apesar de toda a importância econômica da sumaúma, ela jamais foi reposta pelos madeireiros da região. Pouco se conhece ainda sobre o ciclo de vida da espécie. Um pequeno cultivo mantido pela Associação da Indústria de Compensados do Amazonas, no município de Itacoatiara, a 250 km de Manaus, mostra que em dois anos as árvores já atingem 20 metros de altura.

A plantação dos madeireiros é irrisória diante da exploração indiscriminada que atingiu a espécie. Pelo menos por enquanto, a árvore da vida, como é chamada por muitos caboclos no Rio Purus, está condenada à morte na Amazônia.

Morada de pássaros

escolhida por alguma força divina para ser morada dos pássaros.

A árvore também é a tábua de salvação das pessoas que se perdem na floresta. Em vez de procurar o caminho de volta, os caboclos e mateiros mais experientes procuram localizar primeiro uma sumaúma no meio da floresta. Com o auxílio de um terçado ou galho de árvore, eles provocam um atrito nas sapopemas da árvore que ecoa

muito distante seu pedido de socorro.

O travesseiro e o colchão de muitas famílias no interior igualmente são feitos até hoje da paima conhecida por *kupok*, que reveste as sementes, segundo revela o estudo *Normas vulgares de plantas amazônicas*, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). A seiva de sumaúma tem largo emprego na medicina popular da Amazônia contra conjuntivite.



Para abraçar o imenso tronco da sumaúma é preciso juntar entre 12 e 18 homens

Ameaças no Pará

Documentar a pesquisa e atividade da indústria madeireira na Região Norte está se tornando tarefa cada vez mais perigosa. Que o diga o cineasta Aurélio Michiles, que percorreu no final do ano o sul do Pará gravando uma reportagem especial para o programa *Documento Especial*, do SBT, intitulado *Agonia do Mogno*.

Ele foi ameaçado várias vezes de morte por pistoleiros e madeireiros nas cidades de Redenção, Rio Ma-

ria e Itaituba, sempre que procurava gravar cenas de caminhões transportando mogno ou árvores sendo derrubadas. Nas andanças pelo sul do Pará, Michiles disse ter constatado que o mogno só existe na reserva dos caiapós, os índios que fizeram riqueza com a exploração de minérios e madeira.

O cineasta disse ter recebido ameaças inclusive das lideranças indígenas. Ele lembra que a madeira é o principal produto de exportação

do estado do Pará, movimentando uma receita anual em torno de US\$ 200 milhões.

Autor de outros documentários na mesma linha como *A árvore da fortuna* (sobre a seringueira) e *Guaraná olho de dente* (TV Cultura/SP), Michiles disse que não encontrou nas áreas de várzea nenhum exemplar de sumaúma, uma das árvores "mais bem talhadas em suas formas pela natureza".

Fotos de Normandy Litaiff